A-Info

ORGÃO DE EXPRESSÃO ANARQUISTA

Ano II - nº 033 Junho 2014

Danças das Idéias · BO Boletim Operário · Anarkio kaj Esperanto · LSOC Liga Sindical Operária Camponesa · Daurigu Luktante! · Barricada Libertária (Destruir / Construir) · Fenikso Nigra · anarkio.net

COPA IMUNDA... BOICOTE OS JOGOS!!!





Um boicote efetivo aos espetáculos que nada acrescentam a busca de nossa emancipação deve ser considerado. Na Copa, que é a base desse texto, não assistir os jogos, ou se um militante realmente considera ir a algum jogo, deveria reconsiderar. Se for, que seja para as manifestações contra essa aberração fanfarrona excludente que deixou e deixará saldos negativos a nossa gente.

pag 05

Deve-se encaminhar a busca das causas e dos beneficiados pela situação atual e de como deveria ser se as causas e os interessados fossem removidos. Mantendo a perspectiva de uma mudança que o povo organizado será plenamente capaz de realizar.

pag 09

Editorial

Se trabalho me roubam no salário injusto, se recuso a trabalhar me prendem, batem em meus irmãos e me obrigam a fazer o que não quero. Até o meu querer é suposto e imposto. Fazem de mim um alienado e me ajustam. Cada dia aumentam o preço da comida, da roupa e dos remédios, mas não posso reclamar, posso ser demitido. A polícia não me defende e me reprime. Tenho deveres que não criei mas tenho que aceita-los, vejo enormes casas, mas moro em um monte de papelão e tábuas e se sou diferente, me discriminam por minha cor, por minha opção sexual , por não "ter". Se quero um mínimo dignidade, exigem que eu queira tudo, que tenha inveja e me seja infeliz por não ser o que querem que eu seja. Se penso em alternativas aos extremos desta sociedade, me dizem "louco varrido e sonhador" e exigem que eu mude. Mas não adianta as maquiagens e as medidas extremas, a dor insuportável de ser roubado pela "democracia do capital", enganado pelo "Estado de direito" e envenenado pela "poluição do progresso e da tecnologia", minha consciência tente a ser livre e dizer é possível mudar e já. É neste momento que toda autoridade treme e toda lei que gera desigualdade se esfarela, os preconceitos se tornam agudas facas e se voltam para seus donos e aqueles que mentem e enganam se tornam mudos. É que os homens voltam a ser humanos no amor, na liberdade e no respeito sem fronteiras e sem imposição.





Atenção

Materiais postados são inteiramente de responsabilidade de quem o assina tanto como grupo ou como individu@.
Materiais sem assinatura é de responsabilidade da associação editorial do A-Info.

Brasil, Maio de 2014

Carta aberta a todas organizações e pessoas anarquistas no mundo.

Saudações livres a todas as pessoas no mundo, aqui são pessoas brasileiras oprimidas e exploradas, como muitos de vocês. Enviamos nosso apoio mutuo, solidariedade e união que sabemos não possuem fronteiras, países, Estados.

De diversas partes do mundo, recebemos noticias terríveis de opressão e exploração que partidos, patrões, empresários, Estados, militares, machistas, capitalistas, totalitários impõe as pessoas irmãs no mundo.

Aqui no Brasil, também estamos submetidas a opressão e exploração, que através de um Estado forte e inimigo do povo, remove pessoas de suas casas e dos campos, retira recursos de áreas essenciais e mantém o modelo de exploração/opressão na forma do liberalismo e capitalismo dominante.

Recentemente pela farsa da FIFA, a população foi enganada e está com seus direitos retirados, pessoas presas e processadas por crimes de manifestação simples. Dezena de trabalhadores morreram nas grandes obras para realizar a Copa do Mundo, que só servem para o ganho das grandes corporações mundiais mais uma vez.

As péssimas condições de nossas pessoas trabalhadoras, assim como em todo mundo, continuam ruins e em pleno século XXI, avança a precarização e o aumentam os roubos de nossas riquezas.

Pessoas oprimidas e exploradas em todo o mundo, solidários sempre e na luta pela nossa emancipação final, nós, pessoas brasileiras, estamos unidas na luta por uma sociedade mais justa e igual!

A nossa voz e nossas ações estão unidas à milhões de vozes no mundo pela revolução social!

Pedimos a Vocês que estão recebendo esta Carta Aberta que a divulguem para outras organizações sociais e populares, sobremodo anarquistas, dando conhecimento que pessoas libertárias no Brasil estão também resistindo a exploração, participando dos Movimentos Sociais e junto com a população indo as ruas protestar contra a tragédia da Copa, das remoções forçadas, da carestia de vida, do desemprego, denunciando ainda os assassinatos na cidade e no campo, promovidos pelas elites, o genocídio dos Povos Originários, agressões a quilombolas, moradores de rua e a todo o tipo de opressão patrocinada pelo Estado, Partidos, Igrejas e Patrões.

Na construção do sindicalismo revolucionário brasileiro!

Iniciativa
Boletim Operário - operario.boletim@gmail.com
Liga Sindical Operária Camponesa - ligalibertaria@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Dança das Idéias - http://dancasdasideias.blogspot.com/
Caos em Fluxo - http://caosemfluxo.wordpress.com/
Pessoas anarquistas.
Anarkio.net



Mais coisas sobre a Copa 2014 no Brasil

As mais variadas manifestações foram feitas e trouxeram importante contribuições para o desenvolvimento de nossa cidadania e mostrou para toda a sociedade brasileira como as pessoas administradoras eleitas nesse país são clientelistas, prepotentes e estão nem um pouco preocupadas com os rumos da população, principalmente aquela que é mais vulnerável, que está mais oprimida e explorada. Em todos os niveis administrativos, municipais, estaduais e federais fizeram pouco caso das manifestações de rua, e principalmente, dando exagerada atenção aos grupos mais exaltados e ignorando por completo as inumeras demandas, que podemos lembrar, não são de agora.

As manifestações atenderam a uma ânsia cidadã de trazer a sobriedade e razão um Estado que estava alheio, alienado e imerso em um mundo de ilusões, regados a festas com os recursos que nossa população necessita.

Tivemos a oportunidade de ouvir de algumas pessoas e até de militantes (ingenuas ou domesticas pessoas... vai saber) que os gastos serão ressarcidos, que os vários níveis governamentais não usaram recursos de áreas sociais básicas como saúde e educação. E de outros militantes que o futebol foi ou é algo importante (?) para nossa cultura popular.

Comecemos refletir de trás para frente.

O futebol realmente teve um passado popular e vários times surgiram da organização popular, de uma necessidade de uma participação mais ampla de toda classe social no esporte e que teve no Brasil, um terreno extremamente fértil por políticas de “harmonização social fascista” de vários governos.

Há muito tempo isso se passou, as histórias da participação popular nos times foi substituída, ficando apenas os mitos e lendas desse tempo, dos quais notálgicas e iludidas pessoas torcedoras se apegam, negando o terrível espaço comercial que o futebol se tornou e que financiam apegados naquele passado mitológico, icônico e pelas promessas de “vitórias e conquistas” futuras, das quais só ficam com a adrenalina do próprio corpo, uma enganação que nossa mente nos prega, em preparar o organismo para uma atividade da qual não participa de fato, no caso aqui é torcer.

A história atual desse esporte (futebol no caso, mas que ocorre em outros esportes), profissionalizado de forma a movimentar cifras enormes e atender uma sociedade de consumo imediato, submissa e docilizada, advém da prática herdada do Império Romano para o controle de seu povo (o famoso pão e circo) e que manteve Roma viva por mais de um milênio. Impressionantemente funciona e muito bem, revelando o sucesso do condicionamento pavloviano para grandes “massas”, massas por serem efetivamente moldaveis ao bel prazer dos agentes mainpuladores (aqui temos vários elementos: propaganda, organizações esportivas, corporações globais).

Apelamos ao pouco de razão que resta debaixo do fanatismo e emoção que muitas pessoas possuem, para que compreendam que o fato de torcer para um time X, Y ou Z, na estrutura atual, é uma alimentação da industria da ilusão/entretedimento do qual não traz nenhum tipo de mudança social da qual lutamos e propomos. Se ao menos a prática esportiva fosse estimulada de forma a aumentar seus praticantes em todas as idades, isso causaria uma aumento do bem estar da maioria da população, mesmo nos casos de pessoas com histórico familiar de doenças hereditárias, pois a prática esportiva sobre orientação adequada ameniza e reduz os sintomas de doenças manifestas e em muitos casos ajuda a prevenir as doenças. Mas nem isso se faz através da industria esportiva, que pelo discurso profissionalizante, qualquer forma de prática esportiva cooperativa, sem competição.

Esse é uma outra coisa que devemos desenvolver e trazer para as conversas. Por que devemos ser competitivos no esporte (isso pode ser conversado em outras áreas também)? Por que tem que haver uma pessoa que ganha e outra que perde? Isso é muito frustrante e causa uma reação de ressentimentos e estimula o processo de revanche, de vingança, que

não é um estimulo ao progresso, mas uma espiral crescente de meritocracia hipocrita.

Um boicote efetivo aos espetáculos que nada acrescentam a busca de nossa emancipação deve ser considerado. Na Copa, que é a base desse texto, não assistir os jogos, ou se um militante realmente considera ir a algum jogo, deveria reconsiderar. Se for, que seja para as manifestações contra essa aberração fanfarrona excludente que deixou e deixará saldos negativos a nossa gente.

Isso conecta com a questão dos investimentos que o país promoveu para a realização dessa fanfarronice futebolistica. Alegam que as pessoas empresárias usaram recursos do BNDES e que serão retornados. Sendo otimista, isso é o mínimo que podem fazer e que esses recursos, poderiam ter sido usados em obras muito mais necessárias para o país que pessoas empresárias com um mínimo de dissertimento saberiam. Mas resolveram dentre tantos investimentos importantes, que fazer megarenas de futebol, muitas em locais que nem possuem um time de futebol de varzea sério, e realizar um megaevento eletista seria muito útil para pessoas doentes, crianças sem educação, famílias sem casas, gente sem alimentação adequada e sub-empregos a beira da escravidão em um sistema de transporte de 5º mundo. Fantastica essa opção!

Mas não podemos ser tão otimistas em um país que a corrupção é um processo corriqueiro e que tem alto indice de impunidade. As chances que os cofres do BNDES recebam de volta o dinheiro emprestado são incertas, aja visto, que boa parte das pessoas empresárias possuem grande influência nos bastidores do poder brasileiro e poderão ser beneficiados por leis e facilitações de seus amigos partidários, que mordem uma graninha nesses grandes negócios com o erário publico.

Daí que militantes aceitarem um argumento tão leviano nos leva a refletir sobre que tipo de militância é essa, que nega a história da resistência e da luta de nosso povo e dá as pessoas poderosas espaço e complacência com suas mentiras deslavadas. Uma militância que se diz radical, que propõe o fim do Estado e das classes não deve jamais se submeter aos regramentos dos poderosos e de suas condutas ilicitas que nos causam sofrimento.

Com os poderosos não se dialoga. Não somos joguinhos em sua manipulação pela perpetuação do poder, já chega!

As ruas pela autogestão, porque gerir a nossa vida e tudo relativo a ela é nossa responsabilidade!





As aventuras de um viajante (sexista) no tempo

Ele saiu da cápsula e olhou para o futuro ao seu redor, ainda zonzo.

Estava num parque muito arborizado, o dia ensolarado e bonito, o clima ameno. Havia pessoas jogando o que parecia ser basquete numa quadra ali perto. Um robô preto (seriam micropainéis solares?) que se equilibrava sobre uma única roda anotava os pontos num placar embutido em seu peito, aparentemente apitando o jogo.

Foi olhar mais de perto.

Logo que chegou o convidaram para se juntasse a eles, porque um dos times estava com um jogador a menos. Foi. Havia anos que não jogava (mesmo descontando o tempo que havia pulado com a cápsula), mas não havia perdido o jeito. Com a ajuda dele, seu time que antes estava perdendo, nivelou o escore e, em breve, as equipes disputavam ponto a ponto uma vitória emocionante.

O final do jogo se aproximava. O time adversário marcou – uma linda cesta de três pontos de uma moça baixinha – e ficou um ponto à frente. Esta era a última chance de vencer. Ele passou a bola para um jovem que, num erro crasso, deixou que ela saísse pela lateral. Inacreditável. O robô apitou o fim do jogo, apontou para o lado vencedor, disse alegremente “tenham todes um bom dia!”, e foi até um canto da quadra, onde aparentemente se desligou.

Exasperado pela adrenalina, o viajante se esqueceu de onde e quando estava. Voltou-se para o jogador que havia falhado, gritando:

- Porra, velho, você parece uma mulherzinha jogando!

O outro parou e ficou olhando para ele. Depois olhou para si mesmo, como quem procura alguma coisa, e disse:

- É?

O viajante se enervou ainda mais.

- Eu estou te insultando, porra!

O homem pareceu ficar ainda mais confuso.

- É? – repetiu, pensativo. – Isso foi um insulto? – perguntou, inclinando a cabeça para o lado, claramente intrigado.

- Não é? – perguntou o viajante, ainda mais irritado. - “Mulher”? “Mulher” é insulto? Por quê? – disse, daí abanou a cabeça, como quem se dá conta de que está se focando em algo irrelevante – Mas, olha, desculpe. Estou vendo que você ficou muito aborrecido. Eu sinto muito que eu tenha posto o jogo a perder no último segundo. Também fiquei decepcionado.

O viajante não sabia direito como responder a isso. Ele havia insultado o cara e ele, ao invés de agredi-lo de volta, não só não se sentia ofendido como ainda pedia desculpas.

O rapaz se aproximou um pouco e disse, com cuidado:

- Vejo que perder a partida te afetou bastante. Tem alguma outra coisa te incomodando? Quer tomar um café, conversar?

Essa demonstração de sensibilidade por parte de um estranho o pegou desprevenido. Que problema ele poderia ter? Ele havia perdido o jogo, qualquer um reagiria daquela forma, não? Não? Não?!

- Cê é viado, é?

- Se sou o quê? – perguntou o jovem, com uma expressão de surpresa.

- Viado. Gay, homossexual.

- Ah. – franziu o cenho, parecendo considerar a pergunta por um segundo. – Exclusivamente, você diz? Não sei. Até hoje não fui. Qual a relevância disso? Você está de novo me “insultando”? – ele não fez as aspas no ar, mas o viajante as sentiu em sua entonação. – Você não é daqui, né?

- Não. E perguntei porque você está aí, me convidando para tomar café e falar “dos meus sentimentos”. – as aspas dele ele fez com uma careta.

- Sim, estou. Te ofendi? Não foi a minha intenção. Achei que você talvez precisasse disso e que a sua explosão pudesse ser um pedido de ajuda. E como eu não tenho nada específico para fazer agora… O que isso tem a ver com a minha vida sexual?

- Você não está me cantando?

- Cantando?

- Sim, sim, tentando me seduzir…

- Ué, mas se eu estivesse atraído por você, por que eu não te diria? Por que te convidaria para tomar um café, te ofereceria ajuda, como se não quisesse nada além disso? Que conceito estranho. De onde você vem? Você está a fim de mim, é isso?

- Não, você não entendeu…

- Olha, se eu mudar de ideia eu te aviso, mas neste momento não estou a fim de você.

O viajante suspirou tentando entender o diálogo em que se metera. Afinal deu-se conta de que era uma oportunidade valiosa de entender parte daquela cultura futura.

- Então vocês simplesmente chegam e falam para as pessoas que estão interessados nelas?

- Sim, daí podemos sair juntos ou não, conversar para nos conhecermos melhor… mas já estamos sabendo do que se trata, quer dizer, que há uma intenção sexual envolvida. Lá de onde você vem isso não acontece?

- Não.

- Nossa, deve ser confuso. Por que?

- Não sei… não acontece. Acho que chegar chegando, assim, pode assustar as pessoas.

- Assustar? Que coisa. Eu acho assustadora a ideia de alguém te chamar para tomar um café e conversar querendo na verdade fazer sexo e não te falar nada disso. Porque e aí, se você não quiser, o que acontece?

- É frustrante. Investir todo aquele tempo e

tal e a pessoa no final não querer nada…

- Pô, mas como assim? Se você tivesse dito desde o começo o que queria, talvez ela não tivesse feito você perder seu tempo.

- Sim, mas e se você chega e fala e já toma um não na cara? Fica aquela rejeição no ar. Como você se sentiria se me dissesse que está se sentindo atraído por mim e eu dissesse que não sinto o mesmo?

- Me sentiria rejeitado sim… mas, sei lá, faz parte da vida. Algumas pessoas gostam da gente, outras não. Algumas pessoas se sentem atraídas pela gente, outras não. Faz parte, não tenho tanto medo de ser rejeitado a ponto de esconder o que sinto. Por que será?

- Não sei. Nunca vi ninguém lidar assim tão bem com a rejeição.

- Eu nunca vi ninguém lidar tão mal. Desculpa eu falar assim, mas é que me parece tão sem sentido! Se você tem medo de ser rejeitado, daí não fala nada, pode ser ainda pior! Se você fica enrolando, o tempo passa e você pode inclusive perder o momento, caso a pessoa também estivesse interessada, cada um esperando o outro falar primeiro para ter certeza de que não vai ser rejeitado… ou como você disse, fica se sentindo frustrado, além de rejeitado, se a pessoa no final não sente atração por você.

O viajante no tempo ficou boquiaberto.

- É, dito assim parece mesmo não fazer muito sentido. Como você faz para lidar com a rejeição?

- Não sei. Acho que não me afeta tanto porque… sei lá, porque sinto que você pode não gostar de mim aqui, hoje, mas alguém gosta, alguém vai gostar, alguém já gostou.

- E se ninguém gostasse?

O moço pensou.

- Acho que não faria diferença. Eu me sentiria só, claro… mas eu sei que eu sou gostável. Eu gosto de mim.

- Mas por quê?

O outro riu.

- Não sei! Eu sou quem eu sou. Não sou perfeito, mas sinto que sou… digno de respeito, amor, carinho, sabe?

- Mas por quê? – perguntou o viajante no tempo, sentindo-se uma criança diante de um mundo incompreensível.

- Porque existo, sou uma pessoa!

Ficaram os dois em silêncio um tempo. Era coisa demais para o viajante processar de uma só vez.

O jovem hesitou algumas vezes, mas por fim tomou coragem e perguntou:

- Você não se sente assim?

O viajante respondeu

- Não. – e se surpreendeu-se com o nó que apertou sua garganta subitamente. Precisou de um tempo antes que conseguisse prosseguir. – Eu sinto… acho que sinto que tenho que merecer ser amado.

- E o que você precisa fazer para merecer ser amado?

Ele nunca tinha pensado nisso.

- O que as pessoas querem que eu faça, suponho.

- Faz sentido. É por isso que você acha natural sair junto, conversar, tomar café, sem falar que está interessado na pessoa… acha que assim, fazendo agrados, vão passar a gostar de você caso não gostassem antes.

Plim! Como aquilo fazia sentido.

- Eu tento que comprar o afeto das pessoas.

O cara ficou meio sem-graça.

- Eu não disse isso.

- Não, fui eu quem disse. Não se preocupe, não estou ofendido. É verdade. Compro o afeto pagando adiantado e fico indignado se não recebo aquilo pelo que paguei.

O viajante estava perdido num turbilhão de memórias que demonstravam o que ele acabara de dizer.

Depois de alguns momentos, o moço perguntou:

- Como você está se sentindo?

O viajante respondeu, quase em transe, os olhos fixos num horizonte muito mais antigo do que parecia:

- Aliviado. Não é engraçado? Estou falando algo tão triste, mas estou quase… alegre. Me sinto leve. Flutuante. Livre. Acho que cresci com essa noção de que eu precisava merecer ser amado sem nem me dar conta disso e me deparar com alguém para quem esse conceito é bizarro colocou-o em evidência para mim. Obrigada.

- Não tem de quê. O prazer foi meu. Eu próprio nunca tinha examinado essa parte de mim e esta conversa me ajudou a fazer isso. Mas… se não se incomoda de eu perguntar, você sempre se sentiu assim?

O viajante pensou.

- Sim. Não me lembro de um tempo em que essa sensação não tenha sido parte da minha vida.

- Mesmo na sua casa? Com a sua família?

- Especialmente na minha casa, com a minha família.

- Seus pais diziam que não te amavam quando você não fazia o que queriam?

- Não precisavam. Estava implícito em tudo o que eles faziam e falavam para mim. Se eu não conseguisse a aprovação deles, se não agisse da forma como queriam, eles me tratavam sem amor, ou me batiam.

O outro ficou pasmo. Não conseguiu disfarçar seu choque.

- Batiam em você?

O viajante no tempo olhou para ele, fez que sim com a cabeça. Deu de ombros.

- Ah, eu era um pivete mesmo, vivia enchendo o saco, um estorvo. Eles faziam bem de me dar umas bordoadas de vez em quando… mas não era nada demais, sabe, só umas palmadas… nada demais. Nada demais.

O jovem o abraçou, com lágrimas nos olhos. E, quase sem se dar conta, de repente, o viajante chorava também.

Leticia P.



Uma análise sobre os reacionários modernos

Estive dando uma pesquisada nas páginas de direita que circulam pela internet, numa tentativa tola de tentar entender quais são as lógicas de suas argumentações. As vezes eu gosto de pensar que eles são apenas ignorantes políticos, mas acabou de me cair a ficha de que isso é muito otimismo de minha parte.

As postagens dessas páginas são declaradamente contra os direitos dos negros, contra o feminismo e qualquer movimento social, existem opiniões que vão até mesmo contra assuntos que atingem a todos, como questões ambientais! São a favor apenas do homem, branco, heterossexual e cristão. Não estão fazendo isso por ignorância, me parece uma tentativa maliciosa, ludibriadora, falaciosa de propagar preconceitos, sem ao menos tentar ouvir o outro lado, um egoísmo declarado e disfarçado de amor à pátria e veneração aos símbolos de opressão, como polícia, exército, cristianismo fundamentalista e figuras públicas propagadoras de opiniões de ódio, como a jornalista Rachel Sherazade, o político Jair Bolsonaro ou o comediante Rafinha Bastos.

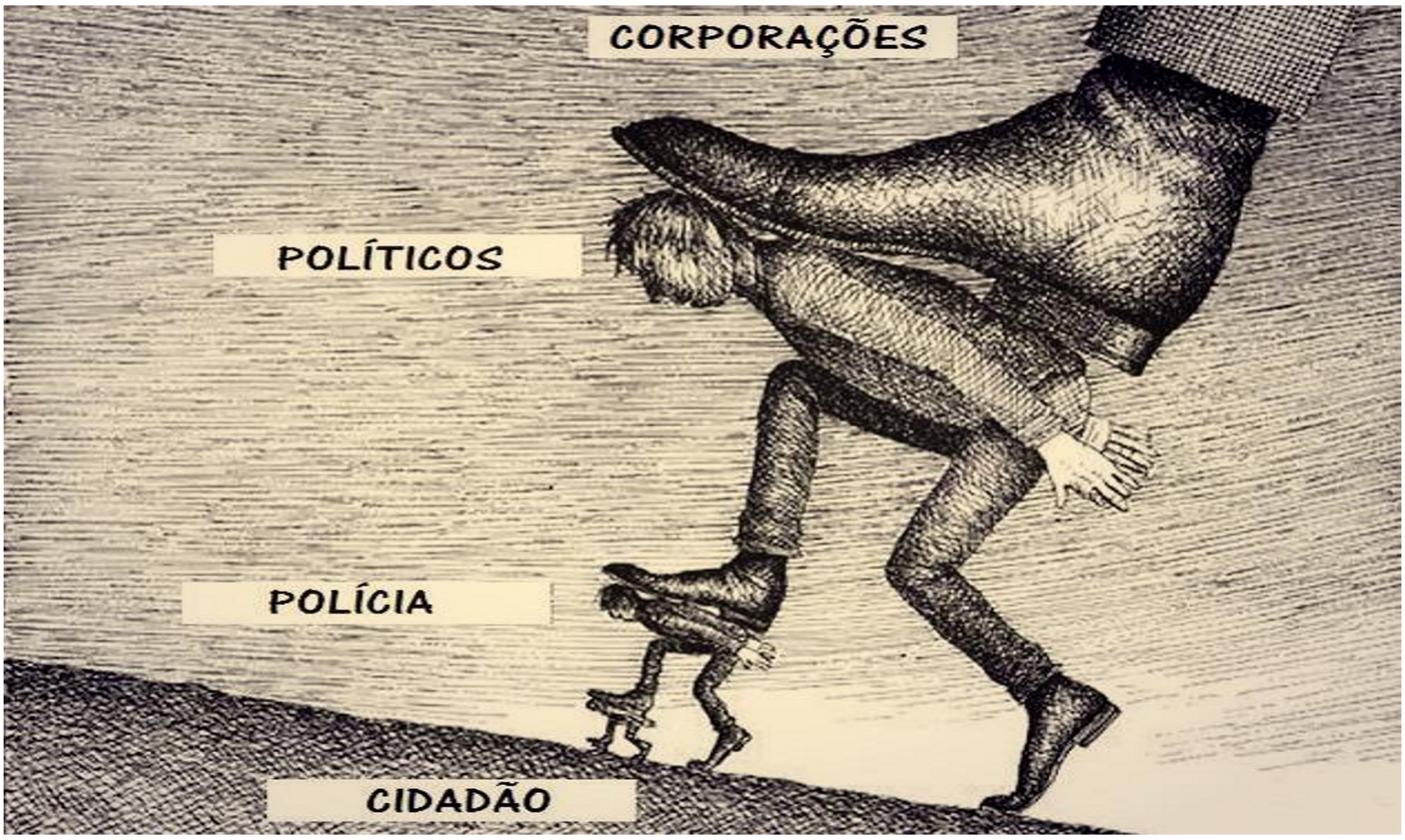
Essas páginas tem muito mais a ver com o ódio do que com qualquer outro sentimento ou qualquer tipo de racionalidade, ainda que tentem disfarçar bem isso. E não é um ódio fundamentado em qualquer tipo de contexto, é ódio sem fundamento algum, do tipo “odeio qualquer um que não tenha nascido no mesmo solo que nasci” ou “odeio qualquer tentativa de melhorar o mundo”, me parece que beira o sadomasoquismo em um esforço cruel para manter o mundo podre exatamente do jeito que está!

Há algumas décadas atrás, as informações não eram tão acessíveis e as pessoas cresciam recebendo uma educação realmente castradora, suas opiniões reacionárias eram moldadas dentro do medo. O reacionário, para mim, sempre foi uma figura de alguém que tem medo das mudanças, medo do novo, e por isso mantinha-se dentro de uma bolha de ignorância. Era uma pessoa propagadora de ódio, um monstro construído socialmente para defender um sistema opressor, o típico menino mimado que não divide o pão com medo de passar fome.

Hoje em dia eu noto que existe uma diferença, a informação mudou, são pessoas de classe média com acesso total às informações que vão além da mídia mainstream, que sabem como ninguém utilizar a internet. Eles adoram dizer que o pobre é um preguiçoso, mas noto que há neles uma preguiça irremediável com qualquer tipo de assunto que tenha um viés social. Isso explica bem o porque assuntos de extrema delicadeza e complexidade como o aborto, cotas raciais e subsídios do governo são tratados de maneira extremamente simplista, sem que haja um único esforço para tentar entender os outros lados dessas questões além dos seus próprios privilégios. Hoje em dia o reacionário não é mais apenas uma pessoa que foi manipulada a vida toda e não teve a chance de aprender a questionar o status quo, hoje em dia ele é uma pessoa extremamente egoísta, que sabe disso e não demonstra nenhum interesse em mudar.

Realmente é um quadro assustador, existe muita gente pronta para lutar com unhas e dentes para legitimar um Estado fascista no Brasil e engana-se quem, assim como eu, gosta de pensar que essas pessoas são apenas desinformadas. Não! Elas tem sede de sangue, tem um lado sociopata que odeia qualquer coisa que fuja do padrões impostos na base do autoritarismo. Difícil dizer e acreditar, mas possuem uma maldade genuína e sabem exatamente o mal que estão fazendo.

Artista Anarquista



ANARQUISMO & PRÁTICA

O que seria uma prática pré-revolucionária? Que iniciativas concretas tomar para alcançar um patamar mínimo de organização popular? Qualquer revolução é precedida por uma disputa visceral entre as novas formas de conceber a sociedade e as tradicionais que legitimam a ordem estabelecida. Nela liberta-se a imaginação dos condicionamentos que tornam "natural" a existência de milionários ociosos ao lado de milhões de miseráveis excluídos do mercado de trabalho – ele mesmo um artifício! Há de se destruir no íntimo de cada um a mistura de servidão e desejo de poder (por ínfimo que seja) sobre o seu semelhante! Na luta pelo imaginário trata-se de criar entre os explorados organizações que, em si, tragam as sementes do modo da sociedade futura e sirvam como irradiadoras (através do exemplo), além de escolas (pela prática), da mentalidade necessária ao Socialismo Libertário.

Um indivíduo plenamente humanizado sempre foi buscado por todos os movimentos revolucionários, através da capacitação cultural do homem. O domínio da experiência humana, portanto, inicia-se pelo estudo. É através da História, da Sociologia, da Filosofia e outras Ciências que o homem recebe a parte que lhe é devida da experiência humana: a bagagem de milhares de anos de tentativas e erros, de acertos consagrados, de sofrimento e de sonhos. O estudo revela o valor histórico de inúmeras concepções (propriedade, herança, dinheiro etc.) que hoje são empecilhos ao avanço da Humanidade para prosperidade, saúde e harmonia; desejos já de nossos ancestrais em suas cavernas. A experiência histórica, os temas científico-tecnológicos, além dos pensadores que refletiram sobre a riqueza social e das experiências revolucionárias são essenciais para se ter alguma chance de libertar o imaginário do indivíduo. Só assim se poderá forjar um revolucionário, em vez de um revoltado... Que acabará se conformando.

A tônica do estudo precisa ser a Revolução! E como efetivar o estudo? Através de grupos de estudo. Amigos ou conhecidos que aprofundem as discussões de todos sobre a política e as dificuldades da vida (escola, trabalho, patrões, relacionamentos, família, religião, drogas, consumismo, carestia, propriedade das coisas, violência, desemprego e mercado, filosofia, etc.). Deve-se encaminhar a busca das causas e dos beneficiados pela situação atual e de como deveria ser se as causas e os interessados fossem removidos. Mantendo a perspectiva de uma mudança que o povo organizado será plenamente capaz de realizar. E, para isso preparar-se, combinando a orientação "revolucionária" com aspectos lúdicos, pois a alegria de viver é essencial à libertação humana. Não só de ódio e revolta luta-se contra o Capital e forja-se o novo ser, pois um autêntico revolucionário planta carvalhos e não trigo. O grupo de estudo evoluirá desse esforço coletivo em várias etapas:

a) o registro de suas próprias avaliações (textos e (ou) panfletos; b) Experiências lúdicas de divulgação (peças de teatro, festas, filmes); c) A construção de um local de reuniões e de lazer; d) A transformação do dia a dia das pessoas na construção de alternativas. Alternativas de organização popular pare reivindicação de melhorias do Estado (principal gestor da riqueza extorquida dos trabalhadores), cobrando serviços e a decisão local das prioridades.

Aumentando a confiança na capacidade popular e diminuindo o poder do Estado! Não se pode predizer muitas delas mas o caráter de administração direta por meio de conselhos, a cotização dos participantes para manutenção das iniciativas, a perspectiva de funcionamento embrionário de uma sociedade futura, a construção de laços federativos com uma perspectiva revolucionária deverão estar embutidos em seu funcionamento e resguardados por meio de seus estatutos. As atividades alternativas concretas são essenciais para a formação de um novo ser: sem elas os membros do grupo de estudo irão apenas se tornar cópias proletárias da intelectualidade burguesa.



Carta aberta as organizações e pessoas anarquistas - parte 2

Saudações pessoas estrangeiras, desculpem interromper sua festa, mas dadas as circunstancias achamos necessário que entendam o real contexto da Copa de futebol que vieram assistir. Queremos apenas trazer para vocês, informações que o governo brasileiro e sua companhia de turismo, muito provavelmente não lhes contaram.

A Copa do mundo trazida a nosso país pela FIFA teve um gasto, até o momento em que esta carta foi escrita de 25,6 bilhões de reais, o que daria em dolares 11,5 bilhões. Desse montante, mais de 83% saíram dos cofres públicos, dinheiro dos impostos do próprio povo. O salário mínimo do brasileiro é de 724 reais mensais (325 dolares), os ingressos para os jogos podem chegar a quase mil dólares, o trabalhador brasileiro paga por um evento que ele mesmo não poderá assistir. Segundo uma pesquisa feita recentemente, 75,8% das pessoas brasileiras se mostraram contrarias aos investimentos feitos para esta Copa.

Nosso país ainda apresenta 3,7 milhões de crianças e adolescentes fora da escola e um índice de quse 10% de analfabetismo de acordo com dados da UNESCO. Como se a deficência da educação já não fosse o bastante, o governo estabeleceu férias escolares durante o período da Copa. Vivemos em um páis onde mais de 242 mil famílias não tem energia elétrica, isso sem falar na saúde pública que ainda está muito longe do aceitável, enquanto o ídolo do futebol Ronaldinho "Fenômeno", pronuncia-se em público dizendo que "Com hospitais não se faz Copa do mundo".

Vivemos hoje um cenário economico extremamente complicado, temos uma das maiores taxas de imposto do mundo, ainda assim, quase 50% do nosso PIB está sendo destinado ao pagamento de uma dívida pública absurda, enquanto o povo passa fome, ou seja, quase metade do que produzimos em riqueza está indo diretamente para os bolsos de alguns poucos banqueiros, além disso, perdemos muito também em corrupção e má administração do dinheiro público.

Os gastos excessivos com a Copa são só o topo desse iceberg, em nome dessa Copa, diversos direitos civís foram violados, fato este que não é incomum em um país onde temos uma polícia altamente militarizada que já foi inclusive alvo de críticas de instituições internacionais como a Anistia Internacional e a própria ONU, que já inclusive fez uma recomendação pelo fim da PM (policia militar brasileira). Comunidades próximas aos estádios terão um policiamento ostensivo e truculento, inclusive com a presença do exército, não para garantir a segurança do povo, mas para garantir a segurança de vocês turistas, como já é o caso do Complexo da Maré, que já está ocupado pelo próprio exército, marinha e PM, somando ao todo mais de 2500 homens. O direito a moradia também não ficou de fora da mira do governo e da FIFA, milhares de famílias já se encontram desalojadas devido ao evento, inclusive as famílias indígenas da Aldeia Maracanã, que apesar da resistência, foram desalojados violentamente.

Não é novidade para nós também, em pleno regime "democrático" que vivemos, assistir a essas interferencias militares, como o exército e força nacional ocupando os canteiros de obras de uma hidroelétrica bem no coração da Amazonia (Belo Monte) para impedir que povos nativos e comunidades locais, atingidos pela barragem protestem. Além disso tudo, para construir os estádios a tempo para a Copa, mais de uma dezena de trabalhadores faleceram nos canteiros de obras.

Além de todos esses problemas a prostituição infantil no país é uma realidade que ainda atinge cerca de 500 mil menores de idade de acordo com o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil. Esse cenário será potencialmente agravado com a realização da Copa.

Muitos de nós estão indignados e tomando as ruas em protesto, mas o governo, bem apoiado pela mídia, para tentar abafar tudo isso aqui colocado, tem criminalizado as manifestações e reprimindo-as duramente com seu aparato militar, com diversas denúncias de violações dos direitos humanos, já apontadas por ongs e organizações internacionais.

O Estado e seus administradores partidários não atendem e nunca atenderão as demandas populares, se precisamos de saúde, educação, habitação, empregos teremos que conquista-los através de nossa união e luta.

Receba esta carta como um pedido de apoio, compartilhe estas informações com o máximo de pessoas possível, nos auxilie a mostrar para o mundo, uma realidade que o governo, FIFA e empresas patrocinadoras da Copa tentam a qualquer custo esconder



OS DESTUIDORES DE MÁQUINAS

“Qualquer semelhança que o presente texto tiver com os manifestantes que investem contra o mundo da mercadoria, nos eventos de protesto desde Seatlle não é coincidência”.

O código sangrento

A forca sempre foi um castigo desonroso. Meditando sobre sua familiaridade estrutural com o pelourinho, compreendemos o por quê dela estar localizada no mais alto patamar da humilhação de uma pessoa. A ela somente tinham acesso as baixas camadas sociais delinqüentes ou dissidentes: aos que não dobrassem os joelhos se exigiria que baixassem a cabeça. Alguns executados famosos da época moderna foram mártires. A cada 1o de maio, lembramos de Parsons, Spies e seus companheiros de patíbulo. Mas poucos lembram do nome de James Towle, que foi, em 1816, o último “destruidor de máquinas” enforcado. Caiu pelo poço da forca gritando um hino luddita até que suas cordas vocais se fecharam num só nó. Um cortejo fúnebre de três mil pessoas cantou a capella, o final do hino. Três anos antes, em quatorze cadafalsos alinhados tinham sido enforcados outros tantos acusados de praticar o “luddismo”, alcunha de um novo crime recentemente legalizado. Naquele tempo existiam dezenas de delitos específicos cujos autores entravam no reino dos céus passando pelo laço de uma corda. Por assassinato, adultério, roubo, blasfêmia, por dissidência política, muitos eram os atos em nome dos quais podia perder-se a vida. Em 1830, uma criança de apenas nove anos foi enforcada por ter roubado giz colorido e, somente em 1870, um decreto humanitário agrupou estes crimes em somente quatro categorias. As duras leis contemplaram a todos e ficaram conhecidas como The Bloody Code. Contudo, o luddismo se constituiu num insólito delito capital: desde 1812, maltratar máquinas na Inglaterra custava a pele. Na verdade, poucos lembram dos ludditas, dos ludds, nome pelo qual se reconheciam uns aos outros. Às vezes, cenas daquela famosa sublevação popular de destruição de máquinas têm sido retomadas por tecnocratas neoliberais ou por historiadores progressistas e exibidas como mostra exemplar do absurdo político como “reivindicações reacionárias”, “etapa artesanal da consciência trabalhista”, “revolta operária têxtil manchada por tintas rurais”. Enfim, nada que se aproxime da verdade. A rejeição ao movimento luddita dividiu-se em duas partes proporcionais: uma por interesse e a outra por ignorância e preconceito. A imagem que a direita e a esquerda fazem dos ludditas é a de uma tumultuosa horda simiesca de pseudo-camponeses iracundos que golpeiam e esmagam as flores de ferro que as abelhas do progresso sugavam. Em suma, o anúncio que assinala a fronteira da última rebelião medieval. Lá uma paleontologia; aqui um bestiário.

Ned Ludd, fantasma.

Tudo começou em 12 de abril de 1811. À noite, trezentos e cinqüenta homens, mulheres e crianças investiram contra uma fábrica de tecidos de Nottinghamshire, destruindo os grandes teares com golpes de maça e incendiando as instalações. O que lá ocorreu logo passou para o folclore popular. A fábrica pertencia a William Cartwrigth, fabricante de tecidos de má qualidade, embora munido de nova maquinaria. A fábrica era naqueles anos um cogumelo novo na paisagem que se distinguia do habitual trabalho realizado em pequenas oficinas. Outros setenta teares foram destruídos naquela mesma noite em outros povoados das redondezas. O incêndio e o feixe de maças de deslocaram depois até os condados vizinhos de Derby, Lancashire e York, coração da Inglaterra no início do século XIX e centro gravitacional da Revolução Industrial. A agitação, que partiu do povoado de Arnold, se expandiu descontroladamente pelo centro da Inglaterra durante dois anos, perseguida por um exército de dez mil soldados sob o comando do general Thomas Maitland. Dez mil soldados? Wellington comandava bem menos do que isso quando iniciou sua campanha contra Napoleão a partir de Portugal. Mais soldados do que contra a França? Faz sentido. A França estava próxima tanto no que se refere às imediações quanto às intimidações; mas não era a França Napoleônica o fantasma que habitava a Corte inglesa, mas a Assembléia. Tinha se passado um quarto de século desde o Ano I da Revolução. Dez mil. O número é indicativo da dificuldade para se acabar com os ludditas. Talvez com a comunidade, num duplo sentido: contavam com o apoio da população e eram a população. Maitland e seus soldados buscaram desenfreadamente. Jamais poderiam tê-lo encontrado, porque Ned Ludd nunca existiu, foi um nome próprio inventado pela população para desnortear Maitland. Outros líderes que assinaram cartas burlescas ou petições se chamavam Mr. Pistol, Lady Ludd, Peter Plush(pelúcia), General Justice, No King, King Ludd e Joe Firebrand (o incendiário). Algum remetente esclarecia que o selo do correio tinha sido estampado nos vizinhos “Bosques de Sherwood”. Uma mitologia incipiente se sobrepunha a outra mais antiga. Os homens de Maitland viram-se obrigados a recorrer a espiões, agitadores e agentes infiltrados, que até então não constituíam um recurso essencial da logística utilizada em casos de guerra exterior. Há aqui uma prematura reorganização da força policial, que agora chamamos de “inteligência”.

Se os acontecimentos que desestabilizaram o país e o Parlamento foram tragados pelo incinerador da história, isto se deu justamente porque o objetivo dos ludditas não era político e sim social e moral. Eles não queriam o poder mas desviar a dinâmica da industrialização acelerada, uma ambição impossível. Apenas ficaram como testemunha algumas canções, atas de tribunais, informes de autoridades militares ou de espiões, notícias jornalísticas, 100.000 libras de perdas, uma seção do Parlamento dedicada a eles e pouco mais. Os fatos: dois anos de luta social violenta, cem mil máquinas destruídas, um exército enviado para “pacificar” as regiões sublevadas, cinco ou seis fábricas queimadas, quinze ludditas mortos, treze deportados para a Austrália, outros quatorze enforcados diante das muralhas do Castelo de York e estertores finais. Por que sabemos tão pouco sobre as intenções ludditas e sua organização? A própria fantasmagoria de Ned Ludd o explica. Aquela foi uma sublevação sem líderes, sem organização centralizada, sem livros capitais e com um objetivo quimérico: discutir de igual para igual com os novos industriais. Mas nenhuma sublevação “espontânea”, nenhuma greve “selvagem”, nenhum “estampido” de violência popular surge do nada. Ele dura anos sendo incubada em meio a uma herança de maus-tratos passada de geração para geração, com populações inteiras elaborando saberes de resistência. Por vezes, séculos inteiros transbordam num só dia. O primeiro tiro é acionado geralmente pelo adversário. Por volta de 1810, a alta dos preços, a perda de mercados devida à guerra e um complô dos novos industriais e dos distribuidores de produtos têxteis acendeu o pavio. Por outro lado, as reuniões políticas e a liberdade de imprensa tinham sido proibidas com a desculpa da guerra contra Napoleão. E a lei proibia os tecelões de emigrarem, mesmo que estivessem morrendo de fome. A Inglaterra não devia entregar sua expertise ao mundo.

Os ludditas inventaram uma logística de urgência. Ela compreendia sistemas de delegados e carteiros que percorriam os quatro condados, juramentos secretos de lealdade, técnicas de camuflagem, sentinelas, organizadores de roubo de armas no acampamento inimigo e pichações de paredes. Além disso destacaram-se na arte de compor canções de guerra, que chamavam hinos. Num dos pouco resgatados é possível ainda escutar: “Ela tem um braço/E mesmo só tendo um/Há magia deste único braço/Que crucifica milhões/Destruamos o Rei Vapor, o Selvagem Moloch”. E em outra: “Noite após noite, quando tudo estiver calmo/E a lua já tiver ultrapassado a colina/Marcharemos para realizar nossa vontade/Com machado, foice e fuzil”. As maças que utilizavam os ludditas provinham da fábrica Enoch. Por isso cantavam: “A Grande

Enoch irá à frente/Que a detenha quem se atrever, que a detenha quem puder/Em frente, bravos homens/Com machado, foice e fuzil". A imagem da maça transcendia a breve epopéia luddista. Na iconologia anarquista do começo do século, Hércules sindicalizados costumavam estar quase esmagando com uma grande maça, não mais máquinas e sim o sistema fabril inteiro. Todos estes blues da técnica não nos devem fazer esquecer que as autoridades queriam esmagar a sublevação popular e procuravam impedir a organização de facções operárias, numa época na qual somente os industriais estavam unidos. Carbonários, conjurados, a Mão Negra de Cádiz, sindicalistas revolucionários: no século passado a força foi à forma para muitas sublevações.

"Fair Play"

ninguém lembra mais o que significaram em outros tempos as palavras "preço justo" ou "renda decorosa". Então, como agora, uma estratégia de renovação e aceleração tecnológicas e realinhamento forçado das populações agitava as paisagens. Roma se constituiu em sete séculos, Manchester, Liverpool em apenas vinte anos. Mais tarde, na Ásia e na África seriam implantados encraves em somente duas semanas. Ninguém estava preparado para uma mudança sem semelhante escala. A mão invisível do mercado possui um tanto diferente do acordo pactuado em mercados visíveis e subscritos.

A introdução sem planejamento de nova maquinaria, o abastecimento parcial das aldeias e a concentração em novas cidades fabris, a difusão do princípio do lucro indiscriminado e a violenta mudança dos costumes fermentaram a rebelião. Mas o lugar comum não existiu: os ludditas não renegavam toda tecnologia, senão aquela que representava um dano moral a todos. Sua violência foi direcionada não contra as máquinas (óbvio que não arrebentavam as suas próprias e bastantes sofisticadas maquinarias), mas contra os símbolos da nova economia política triunfante (concentração em fábricas urbanas de maquinaria impossível de adquirir e administrar pelas comunidades). Sequer inventaram a técnica que os fez famosos: cem anos antes, destruir máquinas e atacar a casa do patrão eram táticas habituais para forçar um aumento de salários. Rapidamente saber-se-ia que trabalhadores cujas mãos eram inexperientes e os bolsos vazios logo dariam conta da novas engrenagens. A violência foi contra as máquinas, mas o sangue correu primeiro por conta dos fabricantes. Na verdade, o que alarmou da atividade luddita foi à nova modalidade simbólica da violência, de tal modo que uma conseqüência inevitável da rebelião foi uma maior identificação entre grandes industriais e administração estatal, pacto que jamais se quebraria.

Os ludditas ainda nos perguntam: há limites? É possível opor-se à introdução de maquinaria ou de processos de trabalho quando estes são prejudiciais à comunidade? São importantes as conseqüências sociais da violência técnica? Há um espaço de escuta para as opiniões comunitárias? As novas tecnologias da "globalização" podem ser discutidas a partir de supostos morais e não somente em torno de considerações estatísticas e de planejamento? A novidade e a velocidade operacionais são valores? Ninguém pode negar a atualidade dos temas. Eles estão entre nós. O luddismo percebeu agudamente o início da era da técnica, por isso enfrentou o "tema da maquinaria", que é menos uma questão técnica que política e moral. Então, os fabricantes e os squires proprietários rurais acusavam os ludditas do crime de jacobinismo; hoje os tecnocratas acusam os críticos do sistema fabril de nostálgicos. Mas os Ludds sabiam que não estavam enfrentando somente ambiciosos fabricantes de tecidos, mas a violência técnica da fábrica. Pensaram precocemente a modernidade tecnológica.

Epílogos

O 27 de fevereiro de 1812 foi um dia memorável para a história do capitalismo, mas também para a crônica das batalhas perdidas. Os pobres violentos passaram a ser tema do parlamento. Habitualmente o temário os contempla apenas para referendar e limitar conquistas já conseguidas de fato, ou para aparar as arestas excessivas de rígidos pacotes orçamentários, ou ainda mais cotidianamente para debater medidas exemplares. Naquele dia, Lord Byron entrou no Parlamento pela primeira e última vez. Desde Guy Fawkes, que se empenhou em explodi-lo, ninguém tinha se atrevido a ingressar na Câmara dos Lordes com a intenção de contradize-los. Durante a sessão presidida pelo Primeiro Ministro Perceval, discutiu-se a pertinência de um inciso complementar na pena capital, que era conhecida como "Framebreaking Bill": a pena de morte por quebra de máquina. Foi Lords vs. Ludds: cem contra um. Naqueles tempos Byron trabalhava intensamente no seu poema Child Harold, mas encontrou tempo para visitar as zonas sediciosas com a finalidade de formar uma opinião própria sobre a situação. Já o projeto de lei tinha sido aprovado na Câmara dos Comuns. O futuro Primeiro Ministro, William Lamb (Guilherme Cordeiro), votou a favor, aconselhando o restante de seus pares a fazer o mesmo, pois "o medo da morte tem uma influência poderosa na mente humana". Lord Byron tentou uma defesa admirável ainda que inútil. Uma passagem do seu discurso, tratando os soldados como um exército de ocupação, expôs o repúdio que tal ato tinha gerado na população:

"Marchas e contra-marchas! De Nothingham a Bulwell, de Bulwell a Bauford, de Bauford a Mansfield! E quando finalmente os destacamentos chegavam ao seu destino, com todo o orgulho, a pompa e a circunstância próprias de uma guerra gloriosa, o faziam a tempo somente de ser espectadores do que tinha sido feito, para constatar a fuga dos responsáveis, para recolher pedaços de máquinas quebradas e voltar a seus acampamentos ante a zombaria das velhas e a vaia das crianças".

Agrega-se uma súplica: "não há suficiente sangue em vosso código legal de modo que seja necessário derramar ainda mais para que se eleve contra vocês o céu como testemunha? Como se cumprirá esta lei? Será colocada uma forca em cada povoado e de cada homem se fará um espantalho?". Mas ninguém o apoiou. Byron decidiu publicar num jornal um perigoso poema em cujos versos finais se lia:

"Alguns vizinhos pensaram, sem dúvida, como é chocante, quando a fome clama e a pobreza geme, quando a vida é menos valorizada que uma mercadoria e a quebra de um esqueleto (frame) leva à quebra dos ossos. Se for assim, espero, por esse sinal (E quem recusaria participar desta esperança); que os esqueletos (frames) dos idiotas sejam os primeiros a serem quebrados. A quem, quando se pergunta por um remédio, aconselham uma corda".

Talvez Lord Byron – enfim, um dândi – tenha sentido simpatia pelos ludditas ou talvez detestasse a ambição dos comerciantes, mas seguramente não chegou a se dar conta de que a nova lei representava, na realidade, o parto simbólico do capitalismo. O resto da sua vida a passou no Continente. Um pouco antes de abandonar a Inglaterra publicou um poema simpático à causa em cujo final se lia: Down with all the kings but king Ludd.

Em janeiro de 1813, George Mellor, um dos poucos capitães ludditas que forma pegos, é enforcado. Alguns meses depois é a vez de outros quatorze que tinham atacado a propriedade de Joseph Ratcliffe, um poderoso industrial. Não havia antecedentes de que tantos tivessem sido enforcados num mesmo dia, na Inglaterra. Também este número é um indicativo. O governo tinha oferecido vultosas recompensas nos seus povoados de origem em troca de informação incriminatória, mas todos os aldeões que se apresentaram pela recompensa deram falsas informações e usaram o dinheiro para pagar a defesa dos acusados. De qualquer maneira, a possibilidade de um julgamento justo estava fora de questão, apesar das frágeis provas em contrário. Os quatorze executados nos muros de York caminharam para sua hora final entoando um hino religioso (Be hold the Saviour of Mankind). A maioria era metodista. Enquanto a rebelião se estendeu pelos quatro costados da região têxtil também se complicou o mosaico de implicados: democratas seguidores de Tom Paine (chamados painistas), religiosos radicais, alguns dos quais herdavam o espírito das seitas exaltadas do século anterior – levellers, routers, southscottian, etc – incipientes organizadores de Trade Unions (entre os ludditas capturados havia não apenas tecelões, mas pessoas de todos os tipos de ofícios), emigrantes irlandeses jacobinos.

O internacionalismo não é uma novidade: em épocas passadas já foi até conhecido sob o pseudônimo de espartaquismo.

Todos os dias as cidades registraram milhares e milhares de nomes; todos os dias se apagam da memória incontáveis sobrenomes do nosso passado. Suas histórias são lançadas em poços escuros: Ned Ludd, Lord Byron, Cartwrigth, Perceval, Mellor, Maitland, Ogden, Hoyle, nenhum destes nomes deve ser esquecido. O General Maitland foi bem recompensado pelos seus serviços, recebendo o título nobiliário de Baronet, a nomeação para Governador de Malta e depois Comandante em Chefe no Mar Mediterrâneo, e, por fim, Alto Comissário para as Ilhas Jônicas. Antes de partir definitivamente, ainda teve tempo de esmagar uma revolução na Cefalônia. Perceval, o Primeiro Ministro, foi assassinado por um louco antes de enforcarem o último luddita. William Cartwrigth continuou em sua lucrativa indústria, prosperou e o modelo fabril fez metástase. Um do seus filhos suicidou-se no meio do Palácio de Cristal durante a exposição Mundial de Produtos Industriais de 1851, mas o tronar da sala de máquinas em movimento amorteceu o barulho do disparo. Quando alguns anos depois do acontecimento um espião local morreu, um Judas que havia permanecido nas redondezas, seu túmulo foi profanado e o corpo exumado, vendido a estudantes de medicina. Alguns ludditas foram vistos vinte anos depois quando foram fundadas, em Londres, as primeiras organizações da classe operária. Outros, que tinham sido deportados para terras estrangeiras, deixaram pegadas na Austrália e

na Polinésia. Mais tarde, roteiros semelhantes puderam ser rastreados a partir da Comuna de Paris e da Revolução Espanhola. Mas a maioria dos habitantes daqueles quatro condados parecem ter feito um pacto de anonimato um homenagem àquela identidade anterior chamada “Ned Ludd”: nos vales ninguém voltou a falar de sua participação na rebelião. A lição tinha sido dura e a lei da tecnologia o era ainda mais. Por vezes, em alguma taberna, alguma palavra, alguma canção, vestígios que ninguém registrou. Foi um aborto da história e ninguém aprecia esse tipo de despojos.

Vozes

Por quê falar da história de Ned Ludd e dos destruidores de máquinas? Seus atos furiosos sobrevivem discretamente em brevíssimas notas de rodapé do grande livro autobiográfico da humanidade e a consistência da sua história é anônima, muito frágil e quase absurda, o que às vezes estimula a curiosidade mas com maior freqüência o desinteresse pelo que é indigno de dinastia. Neste século não há tempo a perder: o burguês do século passado podia dar-se ao luxo de deleitar-se lentamente com um folhetim, mas os telespectadores de agora apenas dispõem de um par de horas para folhear a programação.

Vivemos a época da taquicardia, como sarcasticamente a definiu Martinez Estrada. Reconstruir o curso da história na contra-corrente a fim de se instalar no olho de seus furacões é trabalho que só um Orfeu pode enfrentar. Ele abriu caminho no mundo dos mortos com melodias que destratavam fechaduras perfeitas. Nós podemos perfeitamente guiarmo-nos pelos clarões espectrais que explodem em velhos livros: sopros moribundos entre farrapos lingüísticos.

Qualquer outro vestígio já está dissolvido nos elementos. Mas, se os elementos foram capazes de articular uma linguagem, poderiam, então, devolver a memória guardada de tudo aquilo que circulou pelo seu “corpo” (por exemplo, todos os remos que afundaram na água em todos os tempos, todas as ferraduras que pisaram a terra, e assim por diante). Por sua vez, o ar devolveria a totalidade das vozes que têm sido lançadas pelas bocas de todos os humanos que têm existido desde o começo dos tempos. Na verdade, milhões de palavras são ditas a cada minuto. Mas nenhuma se perderia, sequer a dos mudos. Todas elas ficariam registradas na transparência atmosférica, cuja relação com a audibilidade humana ainda está por ser pesquisada: seria algo assim como quando os dedos das crianças rascunham rápidas garatujas ou agitados corações em vidros embaraçados pelo próprio hálito. Se fosse possível traduzir esse arquivo oral para nossa linguagem, então todas as coisas ditas voltariam num único instante compondo a voz de uma soma maior ou a memória total da história.

O vento semeia vozes que são conduzidas de época em época. E qualquer ouvido pode colher o que em outros tempos foi tempestade. O vento é tão bom condutor das memórias porque o pronunciado foi tão necessário quanto involuntário, porque às vezes nos sentimos mais perto dos mortos que dos vivos. Dentre tantas coisas ditas, não posso nem quero deixar de escutar o que Ben, um velho luddita, disse a uns historiadores locais do condado de Debuy, cinqüenta anos depois dos acontecimentos: “O que me entristece é que os vizinhos de hoje em dia interpretam mal as coisas que nós, os ludditas, fizemos”. Mas como poderia alguém, então, em plena euforia pelo progresso, dar ouvidos às verdades ludditas? Não havia, e não há ainda, escuta possível para as profecias dos derrotados. A queixa de Ben, se constitui na última palavra do movimento luddita e ao mesmo tempo o eco silenciado dos gemidos dos enforcados em 1813. Talvez eu tenha escrito tudo isso com o único fim de melhor escutar a Ben. Eu em amarro ao fiozinho de sua voz como o faria qualquer um de nós que percorresse este labirinto.

Christian Ferrer é professor na Universidade de Buenos Aires.

Tradução de Natalia Montebello e Rafael Covre – Texto Extraído da Revista “Libertárias” número 04, publicada pela Editora Imaginário.



Bolonhesa de Soja



2 chávenas de soja fina
2 cebolas grandes
4 dentes de alho
2 colheres de sopa de azeite
6 colheres de sopa de molho de soja
2 cenouras
600ml de concentrado de tomate
sal q.b
noz-moscada q.b
1 ramo de salsa
espaguete integral q.b

Modo de Preparo:

Coloca o granulado de soja dentro de água, durante cerca de 20 minutos, para que hidrate, inche e aumente de volume.
Pica a cebola e o alho bem fininhos e deixa alourar ligeiramente no azeite quente. Junta logo de seguida o concentrado de tomate e um pouco de água para aumentar a quantidade de molho.
Escorre a água da soja através de um passador. Rega a soja com o molho de soja, e aguarda 2-3 minutos.
Introduz a soja no molho de tomate e mistura bem. Junta a cenoura em cubos pequenos.
Adiciona o sal e a noz moscada.
Tapa e deixa cozer em lume brando durante cerca de 20 minutos.
Quando estiver pronto adiciona a salsa muito picadinha, e tapa novamente.
Entretanto coze espaguete integral para acompanhar a soja.

Coxinha vegana

Ingredientes:

1 kg de mandioca
2 xícaras de farinha de trigo
Sal
2 xícaras de proteína de soja clara triturada
2 colheres de sopa de molho de soja
1 cebola
2 dentes de alho
1 xícara de café de temperos verdes
1 colher de chá de fermento em pó
3 xícaras de farinha de rosca
Água

Cozinhe a mandioca e faça um purê, tempere com sal e dê ponto de massa com a farinha de trigo
Reserve
Faça o famoso refogadinho de PS com os temperos citados, não deixando molhado
Faça as coxinhas com a água molhe as mãos, coloque 1 colherada generosa de purê em uma delas, espalhe em toda superfície da palma da mão
Coloque 1 colher de sopa de PS refogadinha ao centro feche a mão, dê o formato
Na segunda ou terceira coxinha ficará perfeito o seu trabalho
Quando estiver com a coxinha formada, passe na água, ela não vai desmanchar, e pela farinha de rosca
Unte uma forma com óleo e farinha de rosca, acomode as coxinhas e asse por 30 minutos, em forno quente e moderado
Observe-as pois cada forno tem um tempo diferente





Como é que a extracção do mel afecta as abelhas?

A produção comercial de mel implica necessariamente a manipulação e a morte de abelhas. Durante a recolha do mel, várias abelhas são mortas por esmagamento ou por intoxicação em resultado da utilização de um fumegador. Para maximizar a produção, também é comum a abelha rainha ser morta a intervalos regulares e substituída por uma nova abelha rainha, reproduzida por criadores especializados e inseminada artificialmente com sémen de machos que são mortos para o efeito.

O consenso geral é que o mel não é um alimento vegano, pois as abelhas são animais (os insectos fazem parte do reino animal) e são usadas como meros instrumentos para que os humanos possam consumir e usar o mel e a cera que elas produzem. Na verdade, a definição original de veganismo (estabelecida por Donald Watson em 1944) referia explicitamente a exclusão de mel.

Uma questão que se pode colocar é se as abelhas são seres com consciência daquilo que lhe acontece, isto é, se podem sentir de forma consciente, pois essa é que é a característica determinante do ponto de vista dos direitos dos animais. Apesar de ser certo que muitos invertebrados "sentem" e "reagem", não há prova científica que aponte no sentido de que eles tenham consciência no sentido moralmente relevante. Claro que também não há nenhuma prova de que as abelhas não sejam seres conscientes e, dado que o mel é um produto desnecessário e facilmente substituível, o melhor é mesmo dar o seu a seu dono e deixar o mel para as abelhas — as abelhas produzem e armazenam mel para elas próprias se poderem alimentar nos meses mais frios.

De: http://www.mudaomundo.org/responde/extraccao_mel



Brazilo, Majo de 2014

Malfermita letero al ĉiuj anarki organizoj kaj homoj tutmonde .

Liberaj salutojn a ĉiuj, tie estas brazila subpremataj kaj ekspluatataj homoj , kiel multaj el vi . Ni sendu nian reciprokan subtenon, solidarecon kaj unuecon , ke ni scias ne havas limojn, landoj , ŝtatoj .

Diversaj partoj de la mondo, ni ricevis terurajn novaĵojn de subpremado kaj ekspluatado , ke partioj, patronoj, entreprenistoj, ŝtatoj, militistoj , seksisma , kapitalismaj kaj totalismaj sur niaj frataj personoj en la mondo.

Ĉi tie en Brazilo, ni estas ankaŭ submetitaj al subpremado kaj ekspluatado, kiu per forta ŝtato kaj malamiko de la popolo, ĝi retiras la homoj de viaj hejmoj kaj kampoj , prenas rimedojn de ŝlosilaj areoj kaj subtenas la modelo de ekspluatado / premadojn en la formo de liberalismo kaj reganta kapitalismo .

Lastatempe la FIFA farso , la populo estis trompita kaj estas retirita viajn rajtojn, oni havas personoj arestitaj kaj juĝitaj por simple esprimi tion. Dekduo laboristoj mortis en la grandaj verkoj por fari la Monda Turniro, en kiu nur utilas por la grandajn tutmondaj firmaoj multiĝi profito.

La malbona kondiĉo de niaj laborantaj homoj , tiel kiel la tuta mondo , kaj ankoraŭ malbone en la XXI -a jarcento, antaŭas esti malbona kaj pliigi la ŝtelo de nia riĉeco.

Subpremataj kaj ekspluatataj homoj ĉirkaŭ la mondo , ĉiam en solidareco kaj batalu por nia fina emancipiĝo , ni, brazila popolo , ni estas unuigitaj en la lukto por pli justa kaj egala socio !

Nia voĉo kaj niaj agoj estas konektitaj al milionoj da voĉoj en la mondo per la socia revolucio !

Ni petas ke Vi ricevas ĉi Malferma Letero, disvastigas ĝin al aliaj, sociaj kaj popolaj organizoj kaj pli anarkiistaj organizoj, havigante scio ke liberecanaj homoj en Brazilo estas ankaŭ rezisti la ekspluateco, ili partoprenas en sociaj movadoj kaj kun la loĝantaro tuj la stratoj por protesti la tragedio de la Turniro Futbalo (COPA), devigita remociones, kosto de vivanto, senlaboreco, ankoraŭ denuncante la murdoj en la urbo kaj la lando, promociitaj de la elitoj, la genocido de Native Popoloj, violenco kontraŭ afrika idaro, senhejmuloj kaj ĉiuj subpremado farinta por Ŝtatojn, Partiojn, Preĝejojn kaj Mastrojn.

En la konstruo de la brazila revolucia sindikatismo!


NÃO TEM DIREITOS?
FIFA
GO HOME
NÃO VAI TER
COPA!

De qual lado vai ficar nesse jogo?

NUM PAÍS ONDE O POVO ESTÁ
SEM EDUCAÇÃO, SEM SAÚDE,
SEM HABITAÇÃO, SEM TRANSPORTE,
SEM TRABALHO...
OS GOVERNOS SE NEGAM ATENDER
AS DEMANDAS POPULARES...

A COPA É PARA QUEM?

Não há bala, nem repressão que calará nossas vozes nas ruas!

Manifestação não é crime, é consciência por um mundo justo!

Danças das Idéias

BO Boletim Operário

A.T.B Associação dxs Trabalhadorxs Brasileirxs

LSOC Liga Sindical Operária Camponesa

Contatos Anárquicos

EDITORA ACHIAMÉ
Endereço: Rua Clemente Falcão 80A - Tijuca.
Rio de Janeiro / RJ - CEP: 20510-120
Telefone:
(21) 2208-2979

http://achiame.com

Tradicional livraria com uma grande variedade de livros anarquistas.

A-INFOS
O projecto A-Infos é coordenado por um colectivo internacional de activistas revolucionários, anti-autoritários, anti-capitalistas, envolvidos na luta de classes, que entendem como uma luta social total.

http://www.ainfos.ca/

ANARCHIST FEDERATION
A Federação Anarquista é uma organização cada vez maior de pessoas que pensam como abolir o capitalismo em toda a ilha britânica e com toda a opressão para criar um mundo livre e igual, sem líderes e chefes, e sem guerras ou destruição ambiental.

http://www.afed.org.uk

ANARCHISTNEWS
O objetivo do anarchistnews.org é fornecer uma fonte não-sectária de notícias sobre e de interesse para anarquistas.

http://anarchistnews.org/

ANARCOPUNK.ORG
Nossa proposta é, em linhas gerais, que o site Anarcopunk.org funcione como um meio de difusão das propostas, idéias, produções, movimentações, campanhas e expressões anarcopunks em sua diversidade

http://anarcopunk.org

ANARQUISTA.NET
Sitio eletrônico sobre anarquismo

http://www.anarquista.net/

APOYA MUTUA
A finalidade dela é o partilhamento de informações e recursos que respaldem a autonomia e autogestões feministas. Que apoie a ação direta feminista nos vários âmbitos no qual o feminismo como modo radical de política a redefine. Um espaço de armazenamento, memória, coletivo, e de contra-informação capitalista e heteropatriarcal.

https://apoiamutua.milharal.org/

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES
Organização sindical-revolucionária internacional de trabalhadores com atuação em diversos países.
A emancipação dxs trabalhadorxs é obra dxs próprixs trabalhadorxs

http://www.iwa-ait.org

ATEA
Organização formal/legal de defesa do ateismo e da laicidade social, baseado na razão e pensamento cientifico.
Não é anarquista, mas de conteúdo de interesse.

https://atea.org.br

BIBLIOTECA TERRA LIVRE
Com o objetivo de preservar e difundir a memória do anarquismo no Brasil e no mundo e incentivar as lutas do presente.

http://bibliotecaterralivre.noblogs.org/

BOLETIM OPERÁRIO
Reunião e divulgação de material de relevância a luta dxs trabalhadorxs, de ontem e de hoje, mantendo a memóra de nossas lutas para o futuro.

http://boletimoperario.blogspot.com.br/

COLETIVO ATIVISMO ABC
Uma vida autônoma frente ao mercado e ao Estado depende do fortalecimento e enriquecimento das relações sociais que nos cercam, por isso procuramos meios de criar estruturas paralelas que possibilitem enfraquecer os laços de dependência individual e coletiva em relação às instituições.
Endereço: Rua Alcides de Queirós, nº 161, Bairro Casa Branca – Santo André/SP.
CEP 09015-550

http://www.ativismoabc.org/

CCS-SP
O Centro de Cultura Social de São Paulo é o remanescente de uma prática comum do movimento libertário no Brasil. Tem como principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos.

http://www.ccssp.org

CNT-AIT ESPANHA
A CNT é, hoje, o único sindicato no Estado espanhol totalmente independente do rumo político em que as decisões não são sindicalizados e um comitê de profissionais do sindicato, que renuncia a financiamento estatal e dos Empregadores para manter a sua independência económica, e não deixa as negociações nas mãos de intermediários.

http://www.cnt.es

COLETIVO VIVER A UTOPIA
Organizado em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, reune na região os anarquistas pela proposta de emanciapção social.

http://viverautopia.org/

CUMPLICIDADE
A iniciativa da criação de um blog de contra-informação na região controlada pelo Estado brasileiro nasceu da vontade de alguns/as individuxs em difundir idéias e práticas contra as relações de poder, presentes na vida cotidiana de cada umx.

http://cumplicidade.noblogs.org/

DANÇAS DAS IDÉIAS
Se não podemos dançar, essa não é uma revolução séria. Proposta de manutenção e preservação de material anarquista através de sua digitalização e disponibilização aberta a todxs.

http://dancasdasideias.blogspot.com.br/

FEIRA ANARQUISTA DE SÃO PAULO
Organizada no fim do ano, com a intenção de divulgar a cultura anarquista e suas práticas.

http://feiranarquistasp.wordpress.com/

HORMIGA LIBERTARIA
Edições Hormiga Libertaria surgiu no final de 2003, a fim de cobrir a escassez de conteúdo libertário publicação de livros (México). Inicialmente nascido como um projeto de editoração eletrônica para criar uma biblioteca que poderia ser uma ferramenta para o estudo, investigação e divulgação da história e da prática anarquista, mais eles funcionam como um ponto de encontro, socialização e organização.

http://hormigalibertaria.blogspot.com.br/

INTERNATIONAL OF ANARCHIST FEDERATIONS
A IFA é uma organização internacional de Federações Anarquistas que está ligada, por seu pacto associativo e suas ações, aos princípios da Primeira Internacional Anarquista, que foi formada em Saint-Imier em 1872.

http://www.i-f-a.org

PROTOPIA
Um espaço de permanente compilação de referências libertárias. Uma nova proposta de transformação global, construindo o futuro hoje! Protopia é a virada da maré, uma estratégia de reterritorialização que busca antes de tudo a tomada de um papel ativo na construção de espaços libertários.

http://pt.protopia.at/

AK PRESS
O objetivo da Revolução pelo livro, a AK Press blog, é informar as pessoas sobre a publicação anarquista em geral e AK Press, em particular.

http://www.revolutionbythebook.akpress.org/

NÚCLEO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS CARLO ALDEGHERI
Acreditando que a análise criteriosa das questões sociais (mesmo sem as necessidades de diplomas ou graduações), com bases em documentos históricos produzidos pelos seus próprios protagonistas, é uma poderosa ferramenta que contribui para a liberdade individual, coletiva e interação social, sendo essas reflexões essenciais para a construção de um mundo novo, assim surgiu em meados de 2010, na cidade de Guarujá.
Endereço: Rua Luiz Laurindo Santana, nº 40, 1º Andar, sala 1 - Ferry Boat - Guarrujá
http://nelcarloaldegheri.blogspot.com.br
endereço eletrônico: nelcarloadelgheri@gmail.com

LIBERACANA FRAKCIO - SAT
Fração libertaria é composta por membros do SAT (associação esperantista sem nação), na mesma filosofia política ou tendência que se apresenta como anarquistas, libertários, anarco-sindicalistas, anarco-comunistas, e assim por diante.

http://www.satesperanto.org/-Liberecana-Frakcio-.html


OS GOVERNOS
MATAM, DESTROEM
NÃO ACREDITO EM VOCÊS!
GOVERN
PUNK
DESOBEDIENCIA
ENGANAM E ROUBAM
NÃO VOTE!
DESCONSTRUA!